

gundo ele, maravilhosa: macia e flexível, com calosidades na palma para facilitar a ascensão nas árvores. Mas, em seguida, ele disse ao recém-chegado: “Olhe aqui, meu amigo, você pode bem ver que a cabana é pequena para nós dois, portanto, deve retirar-se”, ante o que o macaco, após a segunda tentativa para entrar e a segunda reprimenda, foi embora a contragosto.

Essa história, com pequenas variações, foi seguida de várias outras: o tigre selvagem que se deitou tão perto de Krishnamurti que poderia tocá-lo; e a serpente que, percebendo a presença de Krishnamurti à sua frente, largou a presa — um pássaro — e desapareceu silenciosamente.

Krishnamurti apresenta essas historietas sem comentários nem conclusões, mas tive suficiente trato com o misticismo oriental para não descurar sua importância, e eu própria tirei as conclusões.

“O senhor quer dizer que mesmo os animais selvagens pressentem o caráter inofensivo de uma pessoa genuinamente pacífica?”, sugeri.

“Sim, sem dúvida”, concorda ele, acrescentando: “eu poderia contar-lhe muitas outras histórias desse tipo”.

Eu estava a par dessa possibilidade. De fato, ela se liga, no presente livro, à teoria da matéria sutil que tanto a filosofia oriental quanto Bohm propõem, mais a ressonância mórfica de Sheldrake (os animais selvagens estão sintonizados nos esquemas vibratórios sensitivos emitidos pelo sábio), e a força da compaixão que o lama Govinda, o dalai-lama e o padre Bede descrevem e, eles próprios, irradiam.

Aí pelo fim dessa parte da narração das histórias na nossa conversa, Krishnamurti observa que muitas pessoas vivem em busca de segurança e, conseqüentemente, sentem-se sempre inseguras — o medo de não agarrar aquilo que possuem; — mas que ele vive sem qualquer idéia de segurança e, portanto, tem real segurança, “a única segurança que existe”. Esse é um dos temas favoritos em suas palestras, aquele que sempre agita a assistência e a deixa pouco à vontade.

Quando todos os empecilhos de nosso encontro — o livro, gravar *versus* não gravar — foram esclarecidos, Krishnamurti voltou-se para temas mais consistentes. Deu numerosos exemplos de pessoas que conhece e que estão sofrendo, e seus olhos se entristecem quando traz à baila essas histórias penosas. Há milhões de anos, diz ele, a humanidade vem sofrendo, as pessoas se matam, com breves intervalos

de paz — e choram. “Já as ouviu chorar?”, pergunta. “Já viu soldados voltando do Vietnam sem as duas pernas?”

Por diversas vezes, deixou o tema do sofrimento para voltar à questão do livro e seu conteúdo. Eu tinha, em conexão com a entrevista com Hawking, levantado a questão da Grande Explosão, e Krishnamurti fala a respeito. Por que, pergunta ele, falar da Grande Explosão, quando o mundo está em chamas, as pessoas estão chorando, o homem se mostra incrivelmente cruel para com o semelhante? Esses são fatos, repete, aquilo é mero luxo.

Arrisquei mais um protesto, dizendo que viajara muito para falar com ele a respeito de natureza e ciência, mas Krishnamurti se mostra irredutível. E no entanto quanto mais se recusa, mais gentil se torna. Toda vez que descarta o assunto, toma minha mão como que para amenizar o golpe.

Mesmo frustrada, percebo que sigo sua exortação para nos atermos às prioridades. Não estará ele certo, afinal de contas? Não é uma das poucas pessoas sadias que, contemplando a onda de destruição que estamos levantando contra nós mesmos, se recusa a tergiversar? Não seremos, nós outros, faustos seduzidos pelo conhecimento a qualquer custo, indiferentes — embora conscientes dele — ao fato de que o preço será a destruição global? Será Krishnamurti o pessimista, o alarmista de mentalidade estreita, ou o visionário que soa o alarma diante de nossa inércia e transigência faustiana?

Minha resolução começa a vacilar quando recordo que também o Buda se recusava a discutir metafísica — a ciência do século VI a.C. — até que, dizia ele, estivesse resolvido o problema do sofrimento. Visando fins práticos, ele classificava todas as outras buscas como vãs e enganosas.

Até quando tentei encaminhar a conotação de “ciência” para seu significado mais puro, não-aplicado, Krishnamurti se recusou a ouvir-me. Proferi o nome “Einstein”, mas ele não se interessou, repetindo que, até que seja solucionado o problema humano básico, nada mais interessa. Tento então descobrir se a posição de Krishnamurti difere realmente da do Buda, que justificava suas prioridades com a famosa metáfora da flecha. Buda identificava a condição humana com a do homem que tivesse uma flecha envenenada nas costas, e declarava que a tarefa humana fundamental era arrancá-la e ajudar os outros a fazerem o mesmo. Sempre admirei a grandeza e o discernimento da posição do